

CONSPIRAÇÕES

sobre

HITLER



RICHARD J. EVANS

**O Terceiro
Reich e a
imaginação
paranoica**

CRÍTICA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO - VENDA PROIBIDA

RICHARD J. EVANS

CONSPIRAÇÕES sobre **HITLER**

**O Terceiro Reich e a
imaginação paranoica**

Tradução
Renato Marques de Oliveira

Copyright © 2020, Richard Evans All rights reserved
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022
Copyright da tradução © Renato Marques de Oliveira
Título original: *The Hitler Conspiracies: The Third Reich and the Paranoid Imagination*
Todos os direitos reservados.

Preparação: Karina Barbosa dos Santos
Revisão: Diego Franco Gonçalves e Alessandro Thomé
Diagramação: Nine Editorial
Capa: Daniel Justi
Imagem de capa: INTERFOTO/ Alamy Stock Photo

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Evans, Richard J.

Conspirações sobre Hitler: o Terceiro Reich e a imaginação paranoica /
Richard J. Evans; tradução de Renato Marques de Oliveira. – São Paulo:
Planeta do Brasil, 2022.
272 p.: il.

ISBN 978-65-5535-708-0

Título original: *The Hitler Conspiracies: The Third Reich and the Paranoid Imagination*

1. Alemanha - História - 1933-1945 2. Hitler, Adolf, 1889-1945 3.
Nazismo 4. Teoria da conspiração I. Título II. Oliveira, Renato Marques de

22-1395

CDD 943.086

Índice para catálogo sistemático:

1. Alemanha – História – 1933–1945



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 9

1. OS PROTOCOLOS FORAM UMA “AUTORIZAÇÃO
OFICIAL PARA O GENOCÍDIO”?21

2. O EXÉRCITO ALEMÃO FOI “APUNHALADO PELAS
COSTAS” EM 1918?53

3. QUEM INCENDIOU O REICHSTAG? 89

4. POR QUE RUDOLF HESS VOOU PARA A GRÃ-BRETANHA?123

5. HITLER ESCAPOU DO BUNKER?165

CONCLUSÃO213

AGRADECIMENTOS219

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS221

NOTAS 223

ÍNDICE REMISSIVO 257

OS PROTOCOLOS FORAM UMA “AUTORIZAÇÃO OFICIAL PARA O GENOCÍDIO”?

O breve opúsculo *Os protocolos dos sábios de Sião*,* publicado pela primeira vez no início do século XX, talvez seja uma das obras mais famigeradas de todos os tempos. “Ainda hoje”, de acordo com Michael Butter, importante estudioso de teorias da conspiração, continua sendo “o texto mais importante sobre a conspiração judaica mundial”, porque “ajudou a criar uma atmosfera que culminaria, ao fim e ao cabo, no genocídio dos judeus europeus”.¹ Em sua clássica obra de 1967 sobre as origens e a influência do tratado, Norman Cohn argumentou que *Os protocolos* forneceram a ostensiva justificativa para o extermínio dos judeus pelos nazistas: para citar o título do livro de Cohn, constituíram uma “autorização oficial para o genocídio”. Na perspectiva de Cohn, o documento era “a suprema expressão e o veículo do mito da conspiração judaica mundial”. O texto “apoderou-se da mente de Hitler e se tornou a ideologia de seus seguidores mais fanáticos na Alemanha e no exterior – e assim ajudou a preparar o caminho para o quase extermínio dos judeus europeus”.² De maneira semelhante, um estudo mais recente de *Os protocolos*, por Alex Grobman, intitula-se *License to Murder* [Licença para assassinar].³ Robert Wistrich, o mais conceituado historiador

* A edição usada aqui como referência é *Os protocolos dos sábios de Sião*. Texto completo e apostilado por Gustavo Barroso. São Paulo: Agência Minerva, 1936. [N. T.]

do antissemitismo, também identificou uma linha de causalidade entre *Os protocolos* e o Holocausto. A importância do tratado também foi reiterada pela filósofa Hannah Arendt. Em seu influente livro *Origens do totalitarismo*, publicado em 1951, Arendt descreveu *Os protocolos* como o principal texto do nazismo, e chegou a chamar Hitler de “estudante” ou “pupilo” do tratado.⁴ Essa visão remonta ao tempo de Hitler, quando Alexander Stein, um menchevique de origem báltico-germânica, em um livro intitulado *Adolf Hitler, Schüler der “Weisen von Zion”* [Adolf Hitler, aluno dos “sábios do Sião”],⁵ descreveu *Os protocolos* como “a Bíblia do nacional-socialismo”. Hitler, asseverou o historiador judeu-alemão Walter Laqueur, percebeu o enorme potencial de propaganda das ideias básicas de *Os protocolos*. E se refere à presença delas em *Minha luta* (*Mein Kampf*): “Muita coisa que ele [Hitler] diz em sua obra-prima é baseada nesse livro”.⁶ “*Os protocolos*”, afirmou outro historiador, “tornaram-se um elemento essencial no pensamento conspiratório de Hitler”.⁷ Klaus Fischer detalhou esse ponto de vista em seu livro *Nazi Germany: A New History* [Alemanha nazista: uma nova história]. Hitler, ele argumenta,

acreditava na existência de uma conspiração judaica mundial, conforme prevista em *Os protocolos dos sábios de Sião*. Em sua exaustiva pesquisa sobre as maquinações secretas dos judeus ao longo dos tempos, Hitler revelou que acreditava fervorosamente em uma visão conspiratória da história, que afirma que os judeus são as verdadeiras forças causais por trás dos eventos [...]. Assim, todo evento destrutivo é desmascarado pela mente paranoica de Hitler como fruto dos planos e intrigas de um judeu conspirador.⁸

Como consequência, Fischer acrescenta, Hitler pensava estar realizando uma ação de importância histórica e mundial quando deu início ao extermínio dos judeus da Europa durante a Segunda Guerra Mundial. A essa altura, *Os protocolos* haviam se tornado, de acordo com o psicólogo social Jovan Byford, “a pedra angular da propaganda nazista”.⁹ *Os protocolos* tinham a reputação de um documento tão importante que o escritor Umberto Eco dedicou seu último romance, *O cemitério de Praga*, a um relato fictício sobre sua origem e composição: o penúltimo capítulo do romance é intitulado “A solução final”, ecoando o eufemismo nazista da “solução final do problema judaico na Europa” para se referir ao Holocausto.¹⁰ O historiador Wolfgang Wippermann, em um estudo sobre teorias da conspiração publicado em 2007, descreveu *Os protocolos* como “a mais célebre e, até os dias atuais, a mais eficaz de todas as

teorias da conspiração”, uma “imensa influência” cujos “entusiásticos leitores” incluíam, entre muitos outros, o líder nazista Adolf Hitler.¹¹ A estudiosa acadêmica Svetlana Boym afirmou que *Os protocolos* “inspiraram e justificaram pogroms e massacres étnicos na Rússia e na Ucrânia e as políticas nazistas de extermínio”.¹² Acerca do documento, Stephen Bronner declarou que Hitler “procurou implementar suas implicações práticas”.¹³ Já se afirmou que “Hitler usou *Os protocolos* como manual em sua guerra para exterminar os judeus”.¹⁴

Diante dessa visão generalizada de que os *Protocolos* constituíram a mais preponderante de todas as afirmações da teoria de que os judeus estavam envolvidos em uma conspiração mundial para subverter a sociedade e destruir suas instituições, teoria que levou diretamente ao Holocausto, sobretudo por sua influência sobre Adolf Hitler, não surpreende que muitas pesquisas sobre o tratado tenham sido realizadas por historiadores e estudiosos especialistas em análise textual. Além disso, hoje dispomos de uma documentação muito mais completa acerca dos pontos de vista de Hitler em relação ao que estava disponível quando Cohn escreveu, tanto diretamente, por meio de edições das obras de Hitler, como indiretamente, por meio de novas publicações, a exemplo dos diários de Goebbels. Tudo isso nos leva a questionar se Hitler era realmente um seguidor de *Os protocolos*. Essa obra é de fato a mais perigosa e influente de todas as teorias da conspiração? Para responder a essas perguntas, precisamos voltar ao início e examinar o conteúdo dos próprios *Protocolos*. Quem compilou o texto, como e com que propósito? Em muitos aspectos, as respostas para essas questões revelam-se um tanto surpreendentes.

II

O documento geralmente conhecido como *Os protocolos dos sábios de Sião* traz, na realidade, o título “Dos relatórios dos ‘homens sábios de Sião’ sobre as reuniões realizadas no âmbito do Primeiro Congresso Sionista na Basileia em 1897” – a palavra “protocolos” significa essencialmente, aqui, “minutas”. O congresso foi um evento real, mas, como o documento implica, também ensejou a ocasião para alguns encontros bastante secretos nos bastidores. O sionismo, neste estágio inicial de sua história, era um movimento pequeno e incipiente, quase desconhecido até mesmo nos círculos judaicos. Mesmo na década de 1920, ainda não era amplamente conhecido pelo público em geral. Seu objetivo era estimular os judeus a se reinstalarem na Palestina, à época um feudo do Império Otomano. Para a maioria dos leitores, o “Primeiro Congresso Sionista” poderia facilmente

parecer uma assembleia geral da comunidade judaica mundial, embora tal coisa não existisse de fato.¹⁵

As “minutas” registram ao todo 24 sessões, resumidas em uma longa série de parágrafos muito curtos. Por toda parte, lê-se no início do texto, as pessoas más superam em número as pessoas boas, e a força e o dinheiro governam o mundo. “Nós” (isto é, os judeus) controlamos o dinheiro do mundo e, portanto, comandamos o mundo. Quem tem poder é quem manda, e o domínio sobre as massas ignorantes só pode ser exercido sem restrições morais. O terror e a trapaça são nossos métodos, e, a fim de obter o poder, destruiremos os privilégios da nobreza e os substituiremos pelas regras de nossos próprios banqueiros e intelectuais. Nosso controle sobre a imprensa nos permitirá minar as crenças que asseguram a estabilidade social; de fato, já fomos bem-sucedidos na propagação das nocivas doutrinas de Marx, Darwin e Nietzsche. De maneira semelhante, nossos jornais e panfletos dividem a sociedade, semeando a discórdia, solapando a confiança no governo ao aliciar as massas para movimentos subversivos, como o anarquismo, o comunismo e o socialismo. Ao mesmo tempo, ao fomentar uma pernicioso luta econômica de todos contra todos no livre mercado, estamos desviando a atenção dos gentios para longe dos verdadeiros senhores da economia, ou seja, nós mesmos. Exerceremos nossa influência para destruir a indústria criando nossos próprios monopólios, encorajando gastos excessivos e especulação insensata, e causando inflação. Criaremos uma corrida armamentista e provocaremos guerras destrutivas. No fim, os gentios estarão empobrecidos e prontos para ser controlados.¹⁶

O sufrágio universal levará as massas ao poder, continuam as supostas minutas, e nós, os judeus, controlamos as massas. “Os gentios são um rebanho de ovelhas, e nós, os judeus, os lobos.” Minamos a ordem moral ao disseminar publicações imorais. Na hora marcada, nós nos insurgiremos em revolução no mundo todo, e executaremos impiedosamente todos os que estiverem em nosso caminho. Quando tivermos alcançado o poder, censuraremos a imprensa e as editoras com tanta severidade que nenhuma crítica será possível. A consciência das pessoas sobre as realidades da situação será entorpecida pelos esportes de massa, pelo entretenimento e pela provisão de bordéis. Não permitiremos nenhuma religião, exceto o judaísmo. Todos os maçons não judeus serão executados, e estabelecimentos maçônicos judaicos se espalharão por todo o globo. Os antigos juízes serão substituídos por outros, mais jovens, que estiverem dispostos a se submeter ao domínio dos mais fortes. O ensino de direito, de ciência política, de todas as disciplinas humanísticas será extinto das universidades. “Apagaremos da memória da

humanidade todos os fatos históricos que nos incomodam, e deixaremos apenas aqueles que lançarem uma luz particularmente desfavorável sobre os erros dos governos não judaicos.” A educação se concentrará em habilidades práticas. Os professores serão forçados a fazer propaganda para nós. Os advogados deixarão de ser independentes e terão que servir aos interesses de nosso Estado. O Papa será substituído por um novo rei judeu. Os impostos sobre a propriedade serão elevados gradualmente. A especulação se tornará impossível. O desemprego e o alcoolismo desaparecerão, visto que a moderna indústria de produção em massa será restringida e a produção artesanal em pequena escala, reinstalada.¹⁷

Desconexo, caótico e desarticulado, o documento está longe de ser um exemplo de retórica antissemita demagógica. É expresso em linguagem abstrata, é extremamente repetitivo e repleto de contradições, sobretudo, talvez, nas constantes referências à maçonaria, nos títulos e subtítulos das subseções, ainda que muitas vezes não haja menção à maçonaria no corpo do texto. Em algumas partes do documento, fala-se de uma revolução mundial geral, em outras, o documento insiste no pressuposto de que a revolução ocorrerá apenas em um único Estado. Entre as excêntricas do texto está a afirmação de que os judeus encheriam de explosivos as ferrovias subterrâneas que na época estavam sendo construídas em muitas das maiores cidades do mundo e mandariam tudo pelos ares caso se sentissem ameaçados ou em perigo.¹⁸ A distopia que os judeus supostamente criariam tão logo alcançassem o poder supremo é, de muitas maneiras, estranhamente positiva: quem, por exemplo, poderia se opor a um mundo sem desemprego ou um mundo onde o alcoolismo foi abolido?¹⁹

É perceptível que muitas das ideias centrais da ideologia antissemita estão ausentes do documento. Alegações tradicionais do antissemitismo religioso – por exemplo, a de que os judeus mataram Cristo, profanavam o cibório [cálice das hóstias da comunhão], envenenavam poços e praticavam rituais de assassinato de meninos cristãos – são notáveis por sua ausência.²⁰ Tampouco encontramos no documento imagens racistas e antissemitas modernas; em lugar nenhum os “sábios anciões de Sião” mencionam, por exemplo, as características raciais dos judeus, como o autor antissemita do tratado poderia tê-las imaginado, ou condenam as supostas marcas de identificação de outras raças, ou exibem um desejo de subverter a ordem social por meio da miscigenação racial (uma das obsessões mais potentes de Hitler). Como Stephen Bronner observou, “o documento carecia dos fundamentos primitivos biológicos e pseudocientíficos tão admirados por fanáticos mais modernos como Adolf Hitler”.²¹ O contexto da composição de

Os *protocolos* na virada do século XIX para o XX é indicado principalmente por sua obsessão com os ensinamentos das universidades, a irresponsabilidade da imprensa e as manipulações do mundo financeiro.²² De resto, o discurso sobre uma corrida armamentista, o restabelecimento do sistema de produção doméstica, o advento do sufrágio em massa e da democracia política ou a ameaça do anarquismo apontam para a sua origem uma década e meia antes da eclosão da Primeira Guerra Mundial. Também não há, obviamente, nenhuma menção ao comunismo ou ao bolchevismo, cuja identificação como parte de uma imaginária conspiração judaica mundial tornou-se um elemento central nas fantasias antissemitas dos anos posteriores às revoluções europeias de 1917–18. Em seu estranho amálgama de ideias muitas vezes bizarras e suas numerosas omissões, o documento não representava nem o antissemitismo tradicional nem o moderno: era muito *sui generis*.

De *Os protocolos* é possível extrair alguns princípios gerais, não sem dificuldade em alguns casos: (1) a ideia de que havia, e há, um grupo organizado de “sábios anciões” judeus conspirando em escala global para ocasionar o enfraquecimento sistemático da sociedade e substituí-la por uma ditadura judaica; (2) que isso está sendo alcançado pela proliferação de ideologias divisivas, a saber, liberalismo, republicanismo, socialismo e anarquismo; (3) que esses judeus organizados controlam a imprensa e a economia e estão usando seu poderio para empobrecer a sociedade e minar seus valores essenciais; (4) que abaixo da superfície da vida cotidiana, instituições políticas e estruturas econômicas tais como as percebemos, reside um poder maligno oculto; (5) que aquilo que julgamos progressista e democrático, seja a extensão do direito ao voto ou a disseminação de instituições liberais, é na verdade apenas outra tática da conspiração judaica mundial para impor seu poder ao mundo não judaico; (6) que as guerras são causadas não pelo choque de objetivos e crenças entre diferentes países, porém, mais uma vez, pelas maquinções dos “sábios anciões de Sião”; (7) e, por fim, de maneira implícita, que antagonismos aparentemente arraigados, por exemplo, entre socialistas e capitalistas, também são causados por uma conspiração judaica que visa minar a sociedade não judaica colocando-a em desavença contra si mesma.²³ Esses princípios, no entanto, não são exclusivos de *Os protocolos* nem originados por eles; já existiam no início do século XX, e o que *Os protocolos* propiciaram foi uma aparente confirmação de sua exatidão de dentro da própria suposta conspiração.

Na superfície, trata-se de um texto que segue os moldes clássicos das teorias da conspiração, prometendo ao leitor que aceitar suas premissas uma

revelação de verdades escondidas da vasta maioria das pessoas, incluindo cientistas, estudiosos acadêmicos, governos e políticos: estimula a autoestima dos crédulos, compartilhando com eles o entendimento secreto que o mundo do “conhecimento oficial” e os milhões por ele enganados não possuem; e fornece uma chave para a compreensão de acontecimentos e processos complexos aparentemente incompreensíveis, desde guerras e revoluções até quebras de bolsas de valores e crises econômicas, ligando todos esses eventos por meio de uma explicação grandiosa e paranoica: eles todos podem se resumir às atividades de um único conjunto organizado e coeso de indivíduos malignos.²⁴ É enganoso, no entanto, pintar um retrato de *Os protocolos* como o documento que “assinala a linha divisória entre o antijudaísmo da Idade Média e do início da Era Moderna e o antissemitismo moderno”, no qual “o foco está agora menos nos judeus como inimigos religiosos dos cristãos; em vez disso, eram vistos através das lentes da teoria racial como uma raça específica de pessoas com atributos próprios”.²⁵ Pelo contrário, embora tenham sido, sem dúvida, usados como “prova” das características raciais judaicas por antissemitas após a Primeira Guerra Mundial, *Os protocolos* em si não foram de fato influenciados de modo algum pela teoria racial: evidência, talvez, de como quase nunca eram lidos com atenção, mas simplesmente citados em apoio às convicções que eles próprios não representam.

O que pôs *Os protocolos* em ampla circulação foi, acima de tudo, sua pretensão de fornecer evidências autênticas de que a conspiração judaica mundial emanava de um centro organizacional da própria comunidade judaica internacional. E, no entanto, *Os protocolos* nada tinham de autênticos. Ao longo dos anos, pesquisadores acadêmicos dispenderam uma grande quantidade de tempo e energia para rastrear as origens do texto. Agora está claro que a ideia de uma conspiração subversiva para minar a ordem social e política teve início na esteira da Revolução Francesa de 1789. Oito anos após a Revolução, e cinco anos após o Terror, um jesuíta francês, o abade Barruel, em uma extensa obra em cinco volumes sobre o jacobinismo, atribuiu a eclosão da Revolução e a execução de Luís XIV às maquinações de pensadores iluministas e sociedades secretas, especialmente os *philosophes*, os *illuminati* e os maçons da Baviera, influenciados pela tradição mais antiga dos Templários.²⁶ Claro, os *illuminati* e os maçons, apesar de todas as suas ambições de transformar a sociedade, eram muito menos influentes do que Barruel alegava, e os Templários haviam sido destruídos de forma definitiva na Idade Média e desde então não ressurgiram. O que movia Barruel era o ímpeto de procurar culpados pela extinção da ordem dos jesuítas pelos

regimes iluministas em diversos países no final do século XVIII, e pelo programa de secularização da Revolução, seu confisco de terras da Igreja e destruição de igrejas. Seu trabalho foi acompanhado por um tratado similar, de autoria do matemático escocês John Robison, *Proofs of a Conspiracy against all the Religions and Governments of Europe, carried on in the Secret Meetings of Free-Masons, Illuminati and Reading Societies* [Provas de uma conspiração contra todas as religiões e governos da Europa, tramadas nas reuniões secretas de maçons, *illuminati* e sociedades de leitura] (1798).²⁷

Nenhum dos autores mencionou os judeus, mas em 20 de agosto de 1806 Barruel recebeu uma carta de um oficial do exército piemontês chamado Giovanni Battista Simonini, que lhe disse que na realidade os judeus estavam por trás de todas essas conspirações e, tendo recebido igualdade de direitos civis pela Revolução na França, e por Napoleão em todas as terras por ele conquistadas, estavam planejando dominar o mundo. A teoria da conspiração ganhou credibilidade quando, em 1806, Napoleão convocou uma assembleia de rabinos e estudiosos judeus na França com o objetivo de garantir o apoio da comunidade judaica. Ao chamar o encontro de “o Grande Sinédrio”, nome da suprema corte judaica no mundo antigo, o imperador incutiu em alguns de seus oponentes ultraconservadores a ideia de que um pseudogoverno judeu havia existido em segredo ao longo dos séculos e estava exercendo uma influência maligna sobre a humanidade no presente. Barruel, no entanto, se deixou levar apenas em parte por esses argumentos, e até sua morte em 1820 permaneceu convencido de que a principal culpa pela eclosão da Revolução recaía sobre os maçons. Talvez os judeus tivessem exercido alguma influência sobre eles, mas a seu ver a chave para a compreensão da Revolução era o fato de que os maçons operavam um intrincado sistema de estabelecimentos e uma secreta estrutura paralela de interconexões que, no seu entender, os judeus não tinham. Com efeito, Barruel decidiu não publicar a carta de Simonini, nem qualquer outro texto dela derivado, pois temia que pudesse provocar massacres de judeus, e o documento permaneceu inédito até 1878. Tão logo foi publicada, a carta desfrutou de vida própria e foi reimpressa em vários opúsculos antissemitas nos primeiros anos do século XX.²⁸

Ao longo do século XIX, diversos escritores reacionários articularam preconceitos antissemitas em sua rejeição da proposta, propagada pela Revolução, promulgada por Napoleão e defendida por reformadores liberais de uma ponta à outra do continente, de que a minoria religiosa judaica passasse a ter direitos civis plenos e iguais aos dos cristãos. Para os proponentes de uma restauração da ordem pré-revolucionária, a Europa e todos os seus

Estados e nações constituintes deveriam se fundamentar nos princípios de um cristianismo renovado e vigilante, a fim de evitar a desordem, a guerra e a dissolução da sociedade. Para eles foi muito fácil passar do argumento de que a emancipação dos judeus, a única comunidade não cristã de peso significativo na maior parte da Europa, minaria a hegemonia desses princípios à declaração de que os judeus estavam empenhados em uma campanha deliberada para alcançar esse objetivo.

Não causou surpresa, portanto, que essas teorias tenham ressurgido novamente na esteira de uma nova eclosão de revoluções que assolaram o continente em 1848–49, maré revolucionária que alguns comentaristas ultraconservadores, sobretudo na Alemanha, mais uma vez atribuíram às maquinações dos maçons – embora sem justificativas maiores do que havia ficado evidente nas alegações de Simonini. Uma das principais leis promulgadas por praticamente todos os governos revolucionários em 1848–49, a maior parte deles de vida breve, foi, afinal, a emancipação dos judeus. Duas décadas após a eclosão da revolução, foi publicado um romance intitulado *Biarritz*, apresentando essa hostilidade na forma de uma teoria da conspiração. O nome do autor que constava na capa era “*Sir John Retcliffe*”; porém, ao contrário do que parecia, ele não era inglês, mas alemão: Herrmann Goedsche, escrevendo sob pseudônimo. Autor de uma série de romances de tremendo sucesso, todos de teor romântico ao estilo de *Sir Walter Scott*, Goedsche também atuara a serviço da polícia política prussiana, tendo trabalhado no correio para falsificar cartas que incriminavam os democratas alemães – pego em flagrante e julgado em 1849, teve que abandonar essa atividade. Depois disso, trabalhou como jornalista para o periódico ultraconservador *Kreuzzeitung*.

Cerca de quarenta páginas do romance *Biarritz* descrevem uma cena no cemitério de Praga, onde, uma vez a cada século, os representantes das doze tribos de Israel se reúnem com um representante da diáspora para tramar a dominação do mundo. Entre os meios escolhidos estão levar a aristocracia à falência, provocar revoluções, assumir o controle das bolsas de valores, abolir as leis que impediam o lucro excessivo e antiético, dominar a imprensa, levar os países à guerra, estimular a indústria e empobrecer os trabalhadores, disseminar o livre-pensamento e minar a Igreja, emancipar os judeus (que à época ainda não desfrutavam de plenos direitos civis em muitas partes da Europa) e muito mais. Numa interpretação distorcida e negativa, Goedsche apresentou praticamente na íntegra o programa do liberalismo alemão de meados do século como a expressão de um conluio judaico para destruir o Estado e a sociedade.²⁹

A cena do cemitério, que deve muito a uma passagem do romance *Joseph Balsamo*, de Alexandre Dumas, pai, em que o conspirador Alessandro Cagliostro e seus cúmplices tramam jogar em descrédito a rainha Maria Antonieta no “caso do colar de diamantes”, era uma invenção típica da ficção gótica. Entre outras coisas, descreve como os treze participantes, envergando túnicas brancas esvoaçantes, aproximam-se de um túmulo e, um por um, ajoelham-se em frente à sepultura: assim que o último dos treze se ajoelha, uma chama azul bruxuleia de repente, iluminando a cena, e ouve-se uma voz abafada: “Eu os saúdo, chefes das doze tribos de Israel”, ao que todos entoam em resposta: “Nós o saudamos, ó filho do amaldiçoado”. Há ainda outros exemplos de disparates góticos desse naipe. É difícil imaginar que alguém levasse isso a sério, e muito menos que visse isso como uma descrição fidedigna de acontecimentos reais.

Mas a passagem ganhou vida própria, completamente separada do restante do romance. Essa bizarra transformação começou na Rússia, em 1872, quando o trecho foi impresso como um panfleto com uma observação afirmando que, embora se tratasse de ficção, era baseado em fatos (característica de muitas teorias da conspiração, que com frequência omitem a distinção entre fato e ficção, alegando que, no final, não importa se os pormenores de uma narrativa são falsos, contanto que expressem uma verdade fundamental subjacente). Outras edições do panfleto apareceram na Rússia nos anos seguintes, e em 1881 o texto foi publicado em francês, os vários discursos agora fundidos em uma única exposição oral, supostamente proferida no cemitério por um rabino-chefe; a fonte foi identificada como o livro de um diplomata inglês, “*Sir John Readclif*”. O discurso do rabino, como era conhecido, foi reimpresso por antissemitas em diversos idiomas, inclusive em russo. Na Alemanha, o livro foi publicado pelo propagandista antissemita radical Theodor Fritsch em seu *Handbuch der Judenfrage*, o *Manual da questão judaica*. Tornou-se um componente padrão na imaginação paranoica de antissemitas em toda a Europa.³⁰

Muito antes de Fritsch produzir sua enciclopédia, a ideia de uma conspiração judaica mundial, inspirada por Satanás e propagada por instituições da maçonaria, tornara-se uma arma padrão no arsenal do antissemitismo francês, entre outros. Nas décadas de 1870 e 1880, após a derrota da França para a Prússia e a queda de Napoleão III, a nova Terceira República desferiu um resolutivo ataque aos privilégios da Igreja Católica Romana, que em larga medida ainda era monarquista em suas relações. Maçons, seculares e republicanos (embora, em poucos casos, judeus), eram vigorosos defensores da nova ordem política liberal, e autores ultraconservadores ligados ao clero

lançaram uma série de publicações condenando a República como a criatura de uma conspiração de judeus e maçons, assim como, em sua imaginação febril, a Revolução de 1789 tinha sido. Alguns, de fato, passaram a alegar que existia um governo judaico secreto de âmbito mundial manipulando não somente os republicanos franceses, mas também governos e políticos em todo o planeta, por meio do controle das finanças internacionais e dos órgãos de imprensa. No mundo político real, essas alegações encontraram uma válvula de escape na atmosfera fervorosamente católica e ferozmente antissemita do “Caso Dreyfus”, durante a década de 1890, quando o oficial do exército judeu Alfred Dreyfus foi condenado injustamente por uma suposta atuação como espião para os alemães.³¹

Foi na Rússia, no entanto, que as ideias incluídas em *Os protocolos* encontraram sua síntese definitiva. Os cerca de cinco milhões de judeus da Rússia estavam sujeitos a inúmeras restrições legais, incluindo a obrigação de viver em uma área no lado oeste dos domínios do tsar, conhecida como Distrito de Residência. Quando vários judeus, irritados com essas restrições, engrossaram as fileiras do crescente movimento revolucionário, os partidários da autocracia tsarista e a Igreja Ortodoxa responderam desencadeando uma violenta e extrema onda de antissemitismo. Foi nessa atmosfera de crescente tensão política que *Os protocolos* vieram a domínio público. O documento foi publicado pela primeira vez, embora sem a seção final, no outono de 1903, em um jornal editado por Pavel Aleksandrovich Krushevan, destacado antissemita que havia pouco organizara um massacre em Kishinev,* em sua província natal da Bessarábia, episódio no qual 45 judeus foram mortos e mais de mil casas e lojas de judeus, destruídas.³² Em 1905, uma versão revisada foi publicada por Sergei Nilus, pequeno proprietário de terras e ex-funcionário público que culpava os judeus pelo fracasso de sua propriedade. Antissemita mais por motivações religiosas do que racistas, e obcecado com as visões do vindouro Apocalipse, Nilus conseguiu uma distribuição mais ampla do documento, aprimorou a qualidade da linguagem e adicionou material, criando uma falsa ligação entre *Os protocolos* e o Congresso Sionista da Basileia. Porções significativas do texto assumiram características de *O discurso do rabino*, apresentadas em nova roupagem e novo contexto.³³

Mas isso não constituía a parte principal do texto. Ao apresentá-lo ao público, Krushevan mencionou que o documento era pelo menos em parte traduzido do francês e, de fato, amplas seções foram retiradas de um

* Hoje, Chisinau, capital e maior cidade da Moldávia. [N. T.]

tratado publicado em 1864 por um escritor francês, Maurice Joly.* Era tudo menos um documento antisemita. Tratava-se, na verdade, de um ataque da esquerda ao regime manipulador e ditatorial do imperador Napoleão III, desferido na forma de um diálogo imaginário entre Montesquieu, que fala a favor do liberalismo, e Maquiavel, que expõe muitas das justificativas cínicas para a ditadura encontradas em *Os protocolos* e que Joly atribuiu ao imperador Napoleão III. Como era de se esperar, são sobretudo os argumentos maquiavélicos que figuram com destaque no opúsculo antisemita, transmutados em justificativas para os métodos e objetivos políticos da suposta conspiração judaica mundial.³⁴ O mais provável é que, em 1902, *Os protocolos* tenham sido efetivamente elaborados no sul da Rússia (a língua usada nas primeiras edições traz fortes traços de ucraniano). O compilador desconhecido juntou partes de *O discurso do rabino* e da sátira de Joly (fornecida por antisemitas franceses a um conhecido em meados da década de 1890 e traduzida para o russo) com uma mistura das supostas decisões do Congresso Sionista da Basileia para formar o texto final de *Os protocolos*.³⁵ As origens híbridas do tratado também foram reveladas por sua obsessão pelas questões financeiras, em especial o padrão-ouro, que apresentava uma versão distorcida de algumas das diretrizes políticas que Sergei Yulievitch Witte, ministro das Finanças russo, estava tentando introduzir a fim de modernizar a economia russa, duramente combatida pelos elementos conservadores entre as elites do país.

Em sua forma final, portanto, os *Protocolos* eram uma colagem feita às pressas, um misto de fontes francesas e russas, e sua natureza confusa e caótica atesta o desmazelo e a incompetência com que as partes foram compiladas.³⁶ A hipótese de Cohn de que o documento já existia na íntegra, em francês, em 1897 ou 1898, não tem fundamento no registro documental: a montagem final foi sem dúvida realizada na Rússia. Infelizmente, ainda não está claro exatamente quem produziu essa versão final: embora Pavel Krushevan possa muito bem ter desempenhado um papel relevante no que diz respeito a enfeixar o texto, não há nenhuma evidência concreta para respaldar essa suspeita, e a identidade do compilador continua a ser, pelo menos por enquanto, um mistério.³⁷

O antisemitismo russo encontrou expressão prática em primeiro lugar nas contrarrevolucionárias “centúrias negras”, violentas gangues armadas que, após a malograda Revolução de 1905, perambulavam pelo país

* Ed. bras: *Diálogo no inferno entre Maquiavel e Montesquieu: ou a política de Maquiavel no século XIX, por um contemporâneo*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Editora Unesp, 2009. [N. T.]

assassinando judeus, a quem identificavam como os agentes malignos da insurreição. A violência antissemita ressurgiu na esteira da Revolução de 1917, sobretudo no movimento contrarrevolucionário “branco” contra os bolcheviques, que chegaram ao poder em 1917 e aprisionaram e depois assassinaram o tsar Nicolau II, juntamente com sua família. À medida que a guerra civil se alastrava pela Rússia no outono de 1918, dois oficiais “brancos”, Piotr Nikolaievich Schabelski-Bork e Fiódor Viktorovich Vinberg, ambos antissemitas fanáticos, escaparam para o oeste a bordo de um trem providenciado pelos alemães, que estavam evacuando as áreas ocupadas na Ucrânia durante a Primeira Guerra Mundial até o armistício de 11 de novembro. Chegando quando a própria Alemanha estava sob as torturas da revolução, após a abdicação forçada do cáiser, os dois homens não perderam tempo em divulgar sua visão de que tanto a revolução russa quanto a alemã, bem como a própria Guerra Mundial, eram obra dos “sábios anciões de Sião”. Levaram consigo uma cópia de *Os protocolos* e, na terceira edição de seu anuário *Luch Sveta* (“Raio de luz”), imprimiram o texto completo do documento, na versão de Nilus de 1911.³⁸

Também deram uma cópia a um homem chamado Ludwig Müller von Hausen, fundador de uma obscura organização de ultradireita que iniciou suas atividades na Alemanha pouco antes da guerra, a “Associação Contra a Presunção dos Judeus”. Subsidiado por um grupo de mecenas aristocráticos, incluindo muito provavelmente membros da família real alemã deposta, o panfleto foi traduzido para o alemão e publicado por Müller von Hausen em janeiro de 1920. Na violenta atmosfera pós-revolucionária daquele tempo, quando o antigo *establishment* imperial e muitos de seus apoiadores e beneficiários de classe média estavam enfurecidos contra a revolução alemã e a República Democrática de Weimar fundada em seu rastro, o tratado fez sucesso instantâneo nos círculos da extrema direita. O texto foi reimpresso cinco vezes antes do final de 1920 e em poucos meses vendeu mais de 120 mil exemplares. Em 1933, somava 33 edições, muitas delas aprimoradas com apêndices e ilustrações de lavra recente.³⁹ “Com a publicação em alemão de *Os protocolos dos sábios de Sião*, a teoria da conspiração tornou-se um dos mais importantes elementos da propaganda étnico-chauvinista alemã”, concluiu Volker Ullrich, o mais recente biógrafo de Hitler.⁴⁰ Para os antissemitas da extrema direita, a derrota da Alemanha em 1918, a queda do regime do cáiser e a chegada da democracia na República de Weimar eram, todas, provas da exatidão de *Os protocolos*. Os judeus haviam triunfado, e, portanto, já não precisavam manter o documento em segredo, como supostamente tinham feito até então.⁴¹

Um dos primeiros a ler o livro em alemão foi o general Erich Ludendorff, que, com efeito, havia sido o líder militar da Alemanha durante a última parte da Primeira Guerra Mundial, desempenhando um papel importante em uma série de tentativas violentas, mas malsucedidas, de derrubar a República de Weimar, incluindo o *Putsch* de Kapp de 1920,* quando Berlim foi brevemente ocupada por um golpe militar de ultradireita, e o “*Putsch* da cervejaria”, encabeçado por Adolf Hitler e seu incipiente Partido Nazista em Munique em 1923. Quando obteve uma cópia, Ludendorff já havia escrito seu relato da guerra, mas ainda conseguiu inserir uma nota de rodapé adicional recomendando *Os protocolos* a seus leitores e declarando que, à luz das revelações do documento, a história moderna e, sobretudo, a história contemporânea, precisariam ser completamente reescritas. Ludendorff foi adiante, observando que *Os protocolos* “têm sido fortemente atacados pela oposição e caracterizados como imprecisos em termos históricos”. Mas isso realmente não importava. O fato é que Ludendorff já tinha formulado seus pontos de vista, e *Os protocolos*, ao fim e ao cabo, não exerceram grande influência sobre eles.⁴²

No entanto, nos primeiros anos da República de Weimar, o documento claramente influenciou um grupo secreto de jovens conspiradores extremistas de ultradireita conhecido como *Organização Cônsul*. O grupo foi responsável, entre outras coisas, pelo assassinato de Walther Rathenau, rico empresário, intelectual e político alemão que fora uma figura-chave na gestão da economia durante a guerra. Em 1922, Rathenau foi nomeado ministro das Relações Exteriores. Rapidamente concluiu um tratado com a União Soviética, no qual a Alemanha e a Rússia, os dois párias da ordem internacional, renunciavam a suas reivindicações territoriais e financeiras mútuas. Foi um importante passo para trazer a Alemanha de volta à arena diplomática. Contudo, para a extrema direita, firmar qualquer tipo de acordo com os bolcheviques era um ato de traição, e mais grave ainda era renunciar a todas as pretensões em território soviético. Para a *Organização Cônsul*, em particular, o acordo era produto da conspiração judaica internacional descrita em *Os protocolos*. Pois Rathenau era judeu e, em 1909, fora incauto o suficiente para se queixar, em um artigo de jornal, de que “trezentos homens, todos os quais se conhecem mutuamente, guiam os destinos econômicos do continente e apontam seus sucessores entre seus próprios seguidores”.

* O Putsch de Kapp (*Kapp-Putsch*) foi uma tentativa de golpe de Estado no início da República de Weimar, entre 13 e 17 de março de 1920, conduzido pelo político nacionalista Wolfgang Kapp e pelo general Walther von Lüttwitz, comandante do maior grupo do *Reichswehr*. O episódio é muitas vezes referido como *Putsch Kapp-Lüttwitz*. [N. T.]

Rathenau defendia uma ampliação das elites econômicas da Alemanha, França e outros países europeus, e não fez nenhuma menção a judeus em qualquer parte do artigo, mas para os jovens fanáticos da *Organização Cônsul*, incentivados por Ludendorff, a afirmação só poderia ter um significado: Rathenau, como alegou Ernst Techow, um dos membros da organização, “era um dos trezentos sábios anciões de Sião, cujo propósito e objetivo era submeter o mundo inteiro à influência judaica, como o exemplo da Rússia bolchevique já mostrou”. Questionado pelo juiz no julgamento dos assassinos, Techow afirmou ter retirado a ideia dos “trezentos sábios anciões” de “um panfleto”, ou seja, *Os protocolos*, e em sua súmula o juiz chamou a atenção da corte e da imprensa para “aquela calúnia vulgar, *Os protocolos dos sábios de Sião*”, que “semeia entre as mentes confusas e imaturas o desejo de matar”.⁴³

Os protocolos não exerceram impacto sobre esses jovens assassinos em um vácuo ideológico. Afinal, já antes da guerra o pensamento da ultradireita na Alemanha estava impregnado de uma inebriante mistura de ideias derivadas do monarquista francês Artur de Gobineau, que em meados do século XIX inventou o conceito de uma “raça ariana superior”; o conceito do darwinismo social da história como uma luta entre as raças para a “sobrevivência dos mais aptos”; e a identificação do socialismo como o produto de uma conspiração judaica para destruir a civilização europeia. Essas ideias foram propagadas em uma série de publicações, a principal delas *Foundations of the Nineteenth Century* [Alicerces do século XIX] (1899), de autoria do genro do compositor antisemita Richard Wagner, o antisemita ainda mais veemente Houston Stewart Chamberlain. Obras semelhantes, como o *Manual da questão judaica*, de Theodor Fritsch (1907), ou *Das Gesetz des Nomadenthums und die heutige Judenherrschaft* [A lei dos nômades e a dominação judaica hoje] (1887), também apresentaram a alegação de que os judeus eram a força oculta por trás de muitos acontecimentos e tendências que seus autores consideravam malignos.⁴⁴ Os jornais, revistas, tratados e panfletos nacionalistas de ultradireita propagaram a ideia dos judeus como uma influência oculta por trás de tudo que odiavam na vida moderna, desde o feminismo e o socialismo até a música atonal e a arte abstrata, muito antes da Primeira Guerra Mundial.⁴⁵ Na esteira da derrota da Alemanha na Primeira Grande Guerra, e na febril atmosfera de revolução e contrarrevolução que se seguiu, o antisemitismo tornou-se uma parte central da ideologia de extrema direita.

Na Baviera pós-revolucionária em especial, a massa de minúsculos grupos políticos contrarrevolucionários lançou fulminantes ataques contra os judeus, gente que, a seu ver, instigava a subversão revolucionária e se empenhava

em lucrar com a guerra. Essa propaganda, é claro, exagerava de maneira grosseira o papel dos judeus, tanto nos partidos socialistas e comunistas como no mundo dos bancos e das altas finanças. A óbvia objeção a essas alegações, a saber, a de que capitalistas e comunistas dedicavam boa parte de seu tempo e energia digladiando-se, era recebida com a resposta paranoica de que isso apenas comprovava como os judeus estavam agindo nas sombras, manipulando fantoches e rachando a sociedade por trás das cortinas. Foi nesse ambiente, e não diretamente de *Os protocolos*, que Hitler adquiriu as crenças antissemitas que seriam tão centrais em sua mundividência.⁴⁶

A primeira menção que Hitler fez a *Os protocolos* foi em notas que ele compilou para uma reunião realizada em 12 de agosto de 1921; e o relatório sobre um discurso que ele proferiu na cidade de Rosenheim, no sul da Baviera, em 19 de agosto de 1921, observou que “Hitler demonstra, a partir do livro *Os sábios de Sião*, elaborado no Congresso Sionista da Basileia em 1897, que estabelecer seu próprio jugo, por qualquer meio possível, sempre foi e sempre será o objetivo dos semitas”.⁴⁷ No entanto, a biblioteca privada de Hitler, que no fim chegou a ter mais de 16 mil volumes, não continha um único exemplar de *Os protocolos*. Mesmo se contivesse, não seria prova de que o Führer leu o documento; claramente, quase todos os volumes de sua coleção jamais foram sequer folheados. Como muitas pessoas, Hitler ouviu sobre *Os protocolos* indiretamente. Deixando de lado a probabilidade de Hitler ter sido informado do conteúdo do texto, ou pelo menos de sua importância, por meio de conversas com os amigos, em especial seu primeiro mentor, Dietrich Eckart, após o fim da Primeira Guerra Mundial o veículo parece ter sido uma série de artigos de jornal escritos por pena de aluguel para o fabricante norte-americano de motores Henry Ford e publicados em 1920 em uma edição encadernada sob o título *The International Jew: The World's Foremost Problem* [O judeu internacional: o problema capital do mundo], traduzida para o alemão em 1922. Um exemplar foi incluído na biblioteca de Hitler. Uma grande porção do livro, começando no capítulo 10, é dedicada a uma exposição de *Os protocolos*, exemplificada com copiosas citações do texto.⁴⁸ Foi a partir desse livro que Joseph Goebbels, mais tarde ministro da Propaganda de Hitler, também travou conhecimento sobre *Os protocolos* em 1924, o que o levou a buscar o documento real a fim de obter uma compreensão adequada do que definiu como “a questão judaica”.⁴⁹

Em 1923, enquanto a hiperinflação destruía a vida econômica e a estabilidade social na Alemanha, Hitler se referiu a *Os protocolos* em seus discursos. Entre outras coisas, declarou: “De acordo com os Protocolos sionistas, a intenção é fazer com que as massas se submetam pela fome a

uma segunda revolução [depois daquela de 1918] sob a estrela de Davi”.⁵⁰ Pouco tempo depois disso, Hitler tentou tomar o poder em Munique com um violento golpe armado e foi preso, julgado e condenado por um indulgente juiz nacionalista a passar um breve período de “confinamento em uma fortaleza”. Hitler usou esse lazer forçado para escrever seu longo tratado político e autobiográfico *Mein Kampf* (*Minha luta*), e aqui, também, fez referência a *Os protocolos*.



No entanto, a essa altura já se tornara público e notório que *Os protocolos* eram uma falsificação flagrante.⁵¹ Em 13 de julho de 1921, Philip Graves, correspondente de Istambul do jornal *The Times*, informou com entusiasmo a seu editor em Londres, Henry Wickham Steed: “Uma descoberta muito curiosa foi feita por um russo (ortodoxo) aqui [...]. É que *Os protocolos dos sábios* são em grande medida o plágio de um livro publicado em Genebra [...] [em] 1864. O livro é uma série de diálogos entre Montesquieu e Maquiavel [...]. Muitas das semelhanças são extraordinárias”. Graves forneceu uma série de exemplos de trechos desse livro plagiados pelo autor de *Os protocolos*. “Há inúmeras outras similaridades: em muitas passagens, *Os protocolos* são uma mera paráfrase. A mim me parece que aqui há elementos de furo jornalístico”, disse ele a Steed.⁵² Um dia antes, continuou Graves, o russo que havia feito a descoberta, Mikhail Mikhailovich Raslovlev, que era parente por afinidade do correspondente do *The Times* em São Petersburgo, entrara em contato com ele e se ofereceu para lhe vender o exemplar do livro de Joly, originalmente publicado em Genebra. De acordo com o relato de Graves, “o sr. Raslovlev obteve o Livro de Genebra de um ex-coronel russo da Okhrana [polícia secreta tsarista] que não deu importância à obra”. O próprio Raslovlev era antisemita (“A seu ver, o perigo judeu reside no materialismo dos judeus, e não em seu idealismo revolucionário”, escreveu Graves), e pertencia a um grupo de monarquistas russos exilados pela Revolução Bolchevique em 1917. Ele estava numa maré de azar e precisava de dinheiro, depois de ter perdido seus bens e propriedades para os bolcheviques.

No entanto, o dinheiro não era sua única motivação, do contrário teria oferecido o livro a algum comprador judeu, que sem dúvida pagaria mais pela obra. “Eu não gostaria de dar nenhum tipo de arma aos judeus”, disse ele a Graves, “de quem nunca fui amigo especial. Guardei por muito tempo o segredo da minha descoberta (pois é de fato uma descoberta!) na esperança de usá-la algum dia, mais cedo ou mais tarde, como prova de imparcialidade

do grupo político a que pertença. E é apenas uma necessidade muito urgente de dinheiro que me persuadiu agora a mudar de ideia”. Ele não queria vender o livro de imediato: por acreditar que a guerra civil e a fome generalizada que assolavam a Rússia logo dariam fim ao regime bolchevique, Raslovlev pediu apenas um empréstimo de 300 libras, reembolsáveis após cinco anos; em troca, o *The Times* teria direitos exclusivos sobre o material até que o dinheiro fosse reembolsado. Rapidamente elaborou-se um contrato, assinado em 1º de agosto de 1921. “Acredito que possa ser um furo muito grande para o *The Times*”, disse Graves ao seu editor estrangeiro em Londres, “por isso tomei a providência acima mencionada para ter controle sobre a pessoa que fez a descoberta”. Caso contrário, havia o perigo de Raslovlev tentar vender o segredo para outra pessoa, ou de que o plágio fosse descoberto de maneira independente. Graves concordou, no entanto, em manter o anonimato da identidade de seu informante, a fim de proteger os parentes de Raslovlev que permaneceram na Rússia.⁵³

Sua decisão de revelar o documento foi motivada sobretudo pelo fato de que, um ano antes, jornais de Londres, incluindo o *Morning Post* e o *Illustrated Sunday Herald*, apresentaram uma tradução para o inglês de *Os protocolos*, o que despertou o interesse no mundo político e angariou comentários favoráveis de ninguém menos que Winston Churchill, entre muitos outros. Houve pressão por parte de alguns parlamentares britânicos conservadores para a abertura de um inquérito oficial sobre a conspiração judaica supostamente desmascarada pelo documento. Sob a batuta de seu editor, o ultraconservador H. A. Gwynne, um tóri da linha mais tradicionalista, o *Morning Post* era à época fortemente antibolchevique e tinha muitos contatos na extrema direita, em especial com exilados tsaristas. A denúncia de *Os protocolos* pelo *The Times*, portanto, seria um duro golpe à credibilidade do jornal rival.⁵⁴ Porém, mesmo antes disso, o autor alemão Otto Friedrich, em um livro intitulado *Die Weisen von Zion: Das Buch von Fälschungen* (*Os sábios de Sião: o livro das falsificações*), publicado em 1920, havia chamado a atenção para as semelhanças entre *Os protocolos* e *O discurso do rabino*.⁵⁵ Outro jornalista, Lucien Wolf, em 1921, também apontou que *Os protocolos* eram plagiados de *O discurso do rabino*.⁵⁶ No mesmo ano, nos Estados Unidos, Herman Bernstein, ativista e jornalista judeu nascido na Rússia, publicou uma denúncia parecida.⁵⁷ As provas de que se tratava de uma falsificação se acumularam a todo vapor. Mas o desmascaramento por parte de Raslovlev de que *Os protocolos* se compunham de um extenso plágio do texto de Joly era inteiramente novo e constituiu uma revelação muito mais devastadora.